

A FAMÍLIA OMETTO: BREVE ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CORPORATIVO-TERRITORIAL DO GRUPO COSAN NO INTERIOR PAULISTA¹

OMETTO FAMILY: A BRIEF REVIEW OF CORPORATE BUILDING-LAND WITHIN THE GROUP COSAN PAULISTA

Hansi Miller **QUINTINO LEAL***

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir de forma concisa e sistematizada a formação de um dos maiores grupos capitalistas do setor sucro-alcooleiro: o Grupo Cosan. Desta forma, evidenciaremos a trajetória da família Ometto, em particular Pedro Ometto, membro de família tradicional do setor canavieiro fundador deste grupo, bem como a expansão territorial de suas unidades de produção pelo interior paulista. Faz-se importante observar pela ótica do capital, que a expansão de suas unidades de produção não ocorre de forma linear, mas a partir das próprias contradições do mercado capitalista e da concorrência entre os grupos usineiros, como por exemplo, a associação do capital do Grupo Cosan ao capital estrangeiro. Assim, a expansão de usinas do Grupo Cosan pelo interior do Estado de São Paulo nos instiga a pensar que o capital canavieiro personificado, de modo particular, no referido Grupo exerce o controle do território bem como a monopolização das áreas produtoras de cana-de-açúcar. E esta expansão nas diversas regiões paulistas perpassa pela busca da maximização da eficiência da estrutura corporativa em prol da reprodução ampliada do capital.

Palavras-chave: Grupo Cosan - Internacionalização da Produção - Reprodução Capitalista

Abstract: This article aims to discuss in a concise and systematic training of one of the biggest capitalists of sugar and alcohol sector: Grupo Cosan. Thus, the trajectory of evidencethe Ometto family, particularly Peter Ometto, family member, traditional founder of the sugarcane industry group and the territorial expansion of its production units from the interior of. It is important to note the perspective of capital, the expansion of its production units does not occur linearly, but from the very contradictions of the capitalist market and the competition between the various mill owners, for example, the association's capital Cosan Group to foreign capital. Thus, the expansion of Cosan Group mills in the interior of Sao Paulo State urges us to think that the sugar cane capital personified, in particular, in that the Group exercises control of the territory as well as the monopolization of the production fields of sugarcane sugar. And this expansion in different regions of the State goes through the pursuit of maximizing the efficiency of corporate structure in favor of expanded reproduction of capital.

Key-Boards: Grupo Cosan - Internationalization of Production - Reproduction Capitalist

A Formação Corporativo-Territorial do Grupo Cosan

O Grupo Cosan teve sua origem nos anos de 1936, quando a família Ometto fundou a Usina Costa Pinto no interior de São Paulo, na cidade de Piracicaba.

Durante aproximadamente cinco décadas, a empresa concentrava sua capacidade de produção nesta única usina. No entanto, a partir dos anos 80 deu início a uma política de

¹ Este artigo é fruto de pesquisas iniciais sobre o Grupo Cosan, para elaboração da futura dissertação intitulada “A Transformação da Terra de Trabalho em Terra de Negócio na Região de Araçatuba/SP” sob orientação do Prof. Dr. Arnaldo Yosos Sakamoto.

* Geógrafo e professor de Geografia da Uniesp, câmpus de Mirandópolis/SP. Mestrando em Geografia pela UFMS, câmpus de Três Lagoas. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho – CeGet, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Thomaz Jr. E-mail: hmillergeo@hotmail.com

expansão corporativa e territorial – no sentido de monopolizar e controlar a exploração de terras próprias e arrendadas onde se encontram as unidades de produção e áreas adjacentes – visto que, esta década é emblemática pelo fato de marcar o início da exportação de açúcar na região centro-sul do país. Este fato foi permeado por mudança de lei federal que permitia somente as oligarquias canavieiras nordestinas o acesso ao mercado externo.

Hoje o Grupo Cosan se encontra no patamar de um dos grandes líderes empresariais mundiais do setor sucro-alcooleiro, com grande competitividade tanto em território brasileiro quanto no exterior. Isto se deve ao advento da internacionalização da produção de açúcar e álcool nos anos 1990.

Dessa forma, em 1986 o Grupo Cosan em sua política expansionista de aquisição de novas unidades – política esta que existe até hoje – incorporou as usinas Santa Helena situada no município de Rio das Pedras/SP e São Francisco (Elias Fausto/SP). Já em 1988 adquiriu na cidade de Ipaussu/SP a usina de mesmo nome do município.

A lógica capitalista de maximizar os lucros e minimizar os custos fez com que o Grupo Cosan em 1996, obtivesse concessão federal para explorar a construção, o desenvolvimento e a operação de um terminal de carregamento de açúcar no porto de Santos, visto que esta estrutura logística começara a se desenvolver desde 1993, quando o grupo deu início à exportação de açúcar do tipo VHP (Very High Polarization) altamente lucrativo na Europa e, especialmente no Japão.

A construção e o uso dessa infra-estrutura logística em benefício da reprodução ampliada do capital têm como lógica reduzir os custos de exportação e criar agilidade em prol da circulação do açúcar, visto que o terminal açucareiro do Grupo Cosan, em Santos, tem como parceiro estratégico o grupo britânico Tate & Lyle², que controla 10% da participação no terminal portuário.

No sentido de pensar a questão da estrutura logística das corporações Coutinho (1992) nos remete a observar que obras como estas fazem parte da própria dinâmica do capital, qual seja, a união de capitalistas com o interesse que a circulação da mercadoria seja eficiente e competitiva.

A partir dos anos 2000 com o intuito de expandir mais os interesses corporativos no setor da produção de álcool e açúcar, o Grupo Cosan fez novas aquisições de unidades produtoras juntamente com o capital francês das empresas Tereos e Sucden³ constituindo assim a FBA (Franco Brasileira Açúcar e Álcool – SA).

Esta associação com o capital internacional como forma capitalista de competitividade nos mercados externos, fez com que o Grupo Cosan formaliza-se uma aliança estratégica com o conglomerado chinês Kuok⁴, um dos mais dinâmicos e diversificados conglomerados internacionais. Desta forma, o ano de 2005 é emblemático em sua história, pois o Grupo Cosan alia-se aos grupos Crystalsev, Cargill, Nova América e Plínio Nasari para formar o Terminal de Exportações de Álcool em Santos (Teas).

² O grupo inglês Tate & Lyle é um dos parceiros do Grupo Cosan. Em uma análise mais sistemática, a Tate & Lyle é um dos braços do Grupo Cosan na Europa sendo responsável pela compra e venda de açúcar naquele continente. Ver: Relatório Anual Grupo Cosan 2007, 2007.

³ As empresas Tereos e Sucden, são holdings que atuam em várias segmentações do mercado europeu, principalmente no que diz respeito a comercialização de açúcar e no segmento alimentos foodservice. As empresas francesas possuem participação de lucros nas usinas Univalem, Gasa e Destivale. No caso específico da Tereos, o Grupo Cosan adquiriu sua participação de lucros que era na ordem de 6,2 % do capital social do ano de 2007. Ver: Relatório Anual Grupo Cosan 2007, 2007.

⁴ O grupo chinês Kuok atualmente é um dos maiores acionistas do Grupo Cosan. Este grupo tem a importante função de expandir as exportações de álcool e açúcar para os mercados asiáticos. Ver: Relatório Anual Grupo Cosan 2007, 2007.

Outra importante parceria estratégica firmada pelo Grupo Cosan com o capital estrangeiro foi a participação da International Finance Corporation, cuja base rentável é a especulação financeira principalmente em países emergentes.

O fortalecimento e a monopolização de álcool e açúcar do Grupo Cosan ganha impulso ainda maior com o processo de abertura de capital no mercado de ações da Bovespa. No ano de 2005, ano desta abertura, a captação primária de capitais foi na ordem de US\$ 403 milhões.

Utilizando-se destes recursos provenientes da abertura de capital, o Grupo Cosan adquiriu mais unidades de produção de açúcar e álcool, como a Destivale e Mundial no ano de 2005, e as usinas de Bonfim, Tamoio e Bom Retiro em 2006, sendo incorporada também ao Grupo Cosan em 2008/09 as usinas Benálcool, Tarumã, Maracaí e Paraguaçu Paulista todas no interior paulista. Neste mesmo período inicia-se a fase de construção e funcionamento as usinas de Caarapó (MS) e Jataí no estado goiano.

No entanto, hoje o Grupo Cosan possui um parque industrial de 23 usinas. A maior parte delas estão localizadas no interior do Estado de São Paulo, principalmente na região de Piracicaba e Noroeste Paulista.

Esta forte expansão de usinas promovidas pelo Grupo Cosan ao longo de sua trajetória, não marca somente a expansão de seu parque industrial pelo interior do Estado de São Paulo ou de seu capital ativo. Esta expansão marca a trama de uma série de contradições sócio-econômicas como concentração de terras, precarização do trabalho e fluxos migratórios.

Contradições estas produzidas pela própria lógica orgânica da reprodução capitalista nos interstícios da produção canavieira nos territórios que monopoliza, principalmente em cidades pequenas que não estão preparadas para incorporar esta dinâmica do capital.

As Unidades de Produção do Grupo Cosan

O Grupo Cosan é formado por 23 usinas, das quais 21 se encontram distribuídas pelo interior do Estado de São Paulo, uma no município de Caarapó em Mato Grosso do Sul e a mais recente, inaugurada em maio de 2010 no município de Jataí, em Goiás. As unidades do Grupo Cosan, estão situadas geograficamente em áreas onde as condições edáficas são favoráveis ao plantio de cana-de-açúcar e ainda contam com uma infra-estrutura benéfica a reprodução do capital. Infra-estrutura esta formada por um complexo sistema rodoviário, ferroviário e hidroviário, no caso a Hidrovia Tietê-Paraná.

Esta gama de infra-estruturas são favoráveis estrutura de reprodução do Grupo Cosan, visto que a própria localização das indústrias deste grupo permitem esta reprodução de capital, no sentido de que as áreas produtoras de cana-de-açúcar encontram-se próximas ou subjacentes a estas estruturas logísticas.

Desta forma, o complexo agroindustrial do Grupo Cosan é formado pelas seguintes unidades produtoras no interior paulista: Costa Pinto (matriz do Grupo Cosan), Santa Helena, São Francisco, Ipaussu, Diamante, Serra, Rafard, Univalem, Gasa, Junqueira, Da Barra (maior do mundo), Dois Córregos, Destivale, Mundial, Bonfim, Tamoio, Bom Retiro, Benálcool, Maracaí, Tarumã e Paraguaçu Paulista; em Goiás a unidade de Jataí e a unidade de Caarapó no Mato Grosso do Sul.

Todas elas estão ativas e operando em suas capacidades máximas de produção. Para a safra 2009/10 segundo a Unica⁵ (2010), as unidades de produção do Grupo Cosan processarão 60 milhões de toneladas de cana.

⁵ Dados estimados de produção em março de 2010.

Anos 1990: A Internacionalização do Grupo Cosan

O ponto-chave para entendermos a internacionalização das mercadorias produzidas pelo capital do Grupo Cosan, remonta a mudança de lei federal⁶ que privilegiava somente as elites nordestinas a realizarem o comércio externo açucareiro. No entanto, a partir de 1986 a alteração da referida lei permitiu que outras elites canavieiras do país, em especial as do centro-sul, se internacionalizassem no concorrido mercado internacional.

O marco histórico da internacionalização do Grupo Cosan é observado no ano de 1993, onde se inicia um grande projeto de reestruturação produtiva dos meios de produção, com introdução de novas tecnologias e processos de organização do trabalho associado ao trabalho científico, na descoberta de novos tipos híbridos de cana-de-açúcar que irá culminar no açúcar destinado especialmente ao mercado externo: o açúcar VHP⁷. No entanto, as observações de Oliveira são de suma importância para entendermos a reestruturação produtiva no setor canavieiro:

Nesse contexto, o imperativo do capitalismo tem sido, cada vez mais, introduzir novas tecnologias de base microeletrônica e novos padrões organizacionais, os quais seguem a lógica Toyotista. Na agroindústria canavieira, a utilização da automação microeletrônica, especialmente a adoção do processo contínuo nas indústrias de processamento de açúcar e álcool, está associada [...] a necessidade de aumentar [...] o nível de produtividade com eficiência do processo produtivo (OLIVEIRA, 2004, p. 76).

Esta reestruturação produtiva dos métodos de produção e trabalho – fruto do capital – permitiu que o Grupo Cosan apresentasse ao mercado externo açúcar de melhor qualidade, e que pudesse ser competitivo com o açúcar de beterraba de países como a Inglaterra, líder na Europa neste seguimento. No entanto, a melhoria na qualidade do açúcar do tipo exportação e sua aceitação nos mercados externos levaram o Grupo Cosan, associado às políticas econômicas neoliberais da década de 1990 a obter a concessão do governo federal de construir e explorar um terminal de carregamento de açúcar e grãos no porto de Santos.

Em 1996 a concessão do terminal portuário em Santos, marca no “currículo” do Grupo Cosan a volúpia de sua internacionalização com este grande projeto logístico em prol da minimização de seus custos operacionais de exportação visando à maximização de lucros, pois o interesse do Grupo Cosan não é somente usar o terminal portuário para exportar seus produtos, mas também prestar serviços de embarque e estocagem a outros capitalistas, principalmente exportadores de soja.

No entanto, este projeto capitalista-logístico do Grupo Cosan voltado para a circulação de mercadorias da agricultura brasileira – em especial açúcar e soja – nos mercados externos, somente é consolidado pelo conchavamento que há entre o Estado burguês que ganha com os impostos das exportações para a regulação do saldo da balança comercial brasileira e os capitalistas, pois a lógica da internacionalização de mercadorias nacionais é imposta pela

⁶ O processo de desregulamentação teve início em 1988, com o fim do monopólio das exportações de açúcar e das cotas internas de comercialização, seguido, em 1991, pela extinção das cotas de produção. Em 1998, o Governo Federal, por meio de portaria do Ministério da Fazenda, liberou a comercialização do álcool combustível. Após três adiamentos seguidos, em fevereiro de 1999 foram liberados os preços de todos os produtos da agroindústria canavieira: cana, açúcar cristal e etanol anidro e hidratado. Ver: Mapa, 2008.

⁷ O açúcar VHP (Very High Polarization) é um tipo de açúcar altamente rentável no mercado internacional por apresentar uma pré-disposição de ser beneficiado novamente e se retirar dele subprodutos, como álcool e açúcar refinado. Muito utilizado principalmente em países asiáticos como o Japão. Informação obtida durante saída de campo realizada em 2007 na Unidade Mundial em Mirandópolis.

lógica da mundialização do capital. Neste sentido Oliveira (2003, p. 120) ressalta, a lógica é mundial, e o nacional fica submetido a esta lógica mundial. O agronegócio e suas commodities são expressões objetivas desta inserção capitalista das elites brasileiras ao capital mundial.

A Cosan Operadora Portuária de Granéis é a subsidiária responsável pelo embarque de todo o açúcar exportado pelo Grupo Cosan. No entanto, este terminal portuário administrado pelo Grupo Cosan, apresenta modernas instalações e equipamentos compatíveis com os mais evoluídos portos do mundo, resultado este proporcionado pelo investimento de capital de mais de US\$ 39 milhões nos últimos anos.

Os processos de trabalho neste terminal são totalmente informatizados e contam com moderno sistema on-line nos parâmetros da lógica toyotista, que permite o rastreamento desde a fonte produtora até o embarque no navio, garantindo a excelência do serviço prestado.

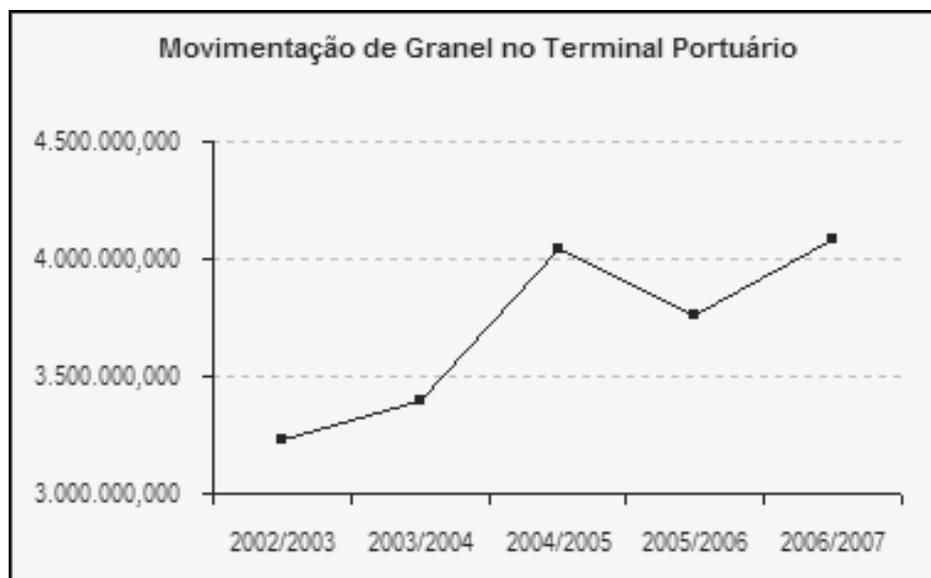
A prova da excelência do trabalho que o capital impôs neste terminal portuário do Grupo Cosan rendeu-lhe ainda mais *status* em prol da mundialização de seus produtos e serviços. Este terminal portuário, segundo Relatório Anual do Grupo Cosan (2007, p.198) recebeu certificações internacionais como o ISO 9001: 2000, ISO 14001: 2004, OHSAS 18001: 1999. No sentido da otimização dos processos de trabalho, Thomaz Jr. (2002, p. 160) enfatiza, de todo modo, a possibilidade de aumentar a eficiência do controle automatizado de determinadas etapas do processo através de softwares induziu ou incentivou mudanças tecnológicas no interior dos processos.

Toda essa articulação permitiu que a Cosan Operadora Portuária de Granéis atingisse números recordes. Em 1998 exportou 1,3 milhões de toneladas de açúcar; na safra 2005/2006 houve um aumento de 23% nas exportações de açúcar neste terminal que chegou a ordem de 3,5 milhões de toneladas, onde 40% deste açúcar exportado saíram das unidades produtoras do Grupo Cosan.

Cabe ressaltar que durante os períodos de entressafra da cana-de-açúcar, a Cosan Operadora Portuária de Granéis tem atuado no embarque de soja para exportação, operação esta que consiste na base de projetos futuros na área de grãos, principalmente soja, a “vedete do agronegócio brasileiro”.

Segundo o Relatório Anual do Grupo Cosan 2007 (2007, p.198) o terminal portuário tem capacidade de movimentação na ordem de 6 milhões de toneladas por ano de granéis sólidos, além de grande flexibilidade operacional, o que permite a movimentação dos produtos operados sem interrupção dos trabalhos. O gráfico 01 mostra a movimentação de granéis no período de 2002 – 2007.

Gráfico 01: Terminal Portuário da Cosan



Fonte: Relatório Anual do Grupo Cosan 2007, 2007. Adaptado por: Quintino Leal, H. Miller, 2007.

A capacidade estática do terminal portuário do Grupo Cosan é de 215 mil toneladas de grãos (açúcar e soja) a granel. Os armazéns são interligados por um sistema de esteiras transportadoras – nos moldes fordistas – que possibilitam a rápida movimentação da carga a ser embarcada.

A operação portuária segue padrões internacionais de qualidade e tem por objetivo a otimização de importantes fatores logísticos como a distribuição adequada dos carregamentos, o tipo de carga a ser embarcada e a movimentação de navios, métodos internacionais de organização que justifica seus ISOs, em busca da maximização dos lucros e diluição dos custos operacionais.

O terminal de embarque tem capacidade para embarcar 40 mil toneladas de açúcar a granel no período de 24 horas. A operação de embarque é acompanhada por trabalhadores treinados neste tipo de operação e dotados de procedimentos profissionais que visam aperfeiçoar os carregamentos dos navios cargueiros. Deste modo, Thomaz Jr. nos remete a pensar sobre estes trabalhadores especializados:

[...] as novas formas de controle e gestão do processo de trabalho [...] na prática, isso faz emergir novos tipos de trabalhadores, assim como redefine integralmente a estrutura do mercado de trabalho, ditado pela nova especialização e importância dos trabalhadores, adequando-os às novas condições e colocando novos desafios. (THOMAZ JR, 2002, p. 137)

Além do terminal portuário na cidade de Santos administrado pelo Grupo Cosan, existe também outra infra-estrutura logística operando em função da reprodução do capital deste grupo, qual seja, o Terminal Exportador de Alcool de Santos S/A (Teas).

O Teas é fruto da ação conjunta de capital do Grupo Cosan associado a grupos de capital nacional e estrangeiro como a Crystalsev, Nova América e Cargill, que desta forma, perpetuaram a consolidação do empreendimento, específico para a exportação de etanol e grãos como soja.

Na realidade, a junção desses capitais para tal empreendimento deve ser observada do ponto de vista da própria reprodução do capital, visto que a finalidade do terminal é exportar álcool e açúcar, diminuindo assim, os custos operacionais de exportação, mas, no entanto, é destinado a prestação de serviços para os associados do Grupo Cosan supracitados acima e outros agentes do mercado, ou seja, a outras empresas mediante pagamento pelo uso do terminal.

Do ponto de vista da ação do capital em seu ciclo de reprodução o Terminal é mais do que um empreendimento logístico, na verdade é um dos primeiros passos do Grupo Cosan em direção a grande exportação e internacionalização de álcool e açúcar, visto que ainda a maior parte da produção de álcool desta empresa destina-se ao mercado interno, pois no Brasil a indústria automobilística aderiu a produção em série de veículos do tipo Flex (*fuel flex*) desde 1999, os quais utilizam tanto a gasolina como o álcool, o que justifica a pequena exportação deste recurso energético.

Nesta perspectiva o Grupo Cosan apoiado pelo discurso ambiental mundial de reduzir a poluição no planeta – discurso este direcionado pelos países centrais do capitalismo, os maiores poluidores – principalmente sobre os impactos do aquecimento global que está na atualidade, faz com que as estratégias corporativas do Grupo Cosan se redirecionem há um futuro próximo e almejado, qual seja, a aceitação em primeiro plano e, conseqüentemente a substituição em parte da gasolina à longo prazo pelo álcool combustível na indústria automobilística internacional.

Essa estratégia do Grupo Cosan de tentar “prever o futuro” em face de substituir os derivados de petróleo pelo álcool combustível no mercado internacional é calcada no discurso ambiental sustentado pelos grupos de usineiros, de que o álcool é fonte de energia renovável, não-poluente e não-alimentícia, ao contrário do álcool produzido principalmente nos Estados Unidos que utiliza como matéria-prima o milho, fundamentando e legitimando assim a expansão canavieira em detrimento da produção de alimentos, colocando em risco a segurança alimentar do país.

A Produção do Grupo Cosan e Reprodução do Capital: Alguns Números

O Grupo Cosan é um dos maiores produtores e exportadores de álcool e açúcar do Brasil e da América Latina segundo o Relatório Anual do Grupo Cosan 2007 (2007, p. 32). Seguindo lógicas capitalistas de expansão da produção canavieira, o Grupo Cosan tem seus pilares de apoio para a reprodução ampliada de capital, sustentados nos investimentos em novas tecnologias na planta fabril e na área agrícola, pesquisas com apoio de universidades, como é o caso da UFSCAR que atua em Valparaíso na Unidade Univalen, laboratórios privados e arrendamento de terras, em especial, terras de pequenos e médios produtores no interior do Estado de São Paulo, onde se perpetua e reproduz a sujeição da renda da terra e a subordinação do trabalho ao capital canavieiro.

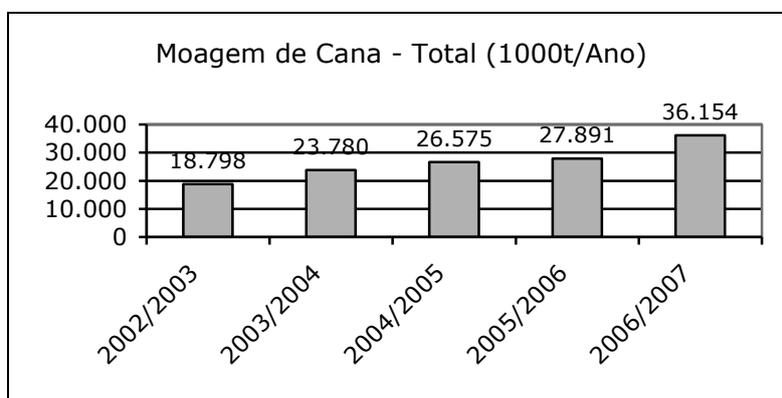
Desta forma, ao estudar a complexa forma de produção e de reprodução capitalista do Grupo Cosan, observa-se que o crescimento de sua produção de álcool e açúcar está em ascensão, assim como todo o setor canavieiro baseado principalmente em novas tecnologias aplicadas à produção e calcada em arrendamentos de terras⁸.

⁸ O arrendamento de terras é um processo comum no setor canavieiro paulista. Mediante os mecanismos jurídicos, o Grupo Cosan realiza de forma linear nas áreas em que atua, contratos de arrendamento de terras com vigência temporal de cinco anos. Este espaço de tempo nos dá a idéia de estratégia de “atrelar” as terras arrendadas à espera de uma oportunidade de mercado – desvalorização, por exemplo – para comprá-las. Neste sentido, garante ao Grupo Cosan uma estabilidade no mercado de terras, impedindo movimentos de resistência ao preço pago pelo arrendamento. Mais detalhes, ver: Quintino Leal, 2006.

Quintino Leal observou este processo na Região de Araçatuba/SP – uma das áreas de atuação do Grupo Cosan no Estado de São Paulo – “ao desvendar no município de Mirandópolis que a Usina Mundial detinha 2.702 hectares e, no entanto controlava 7.466,16 hectares. A diferença entre estes dois números de quase 5.000 hectares equivale a terras arrendadas de pequenos e médios proprietários de terras” (2004, p. 31). Hoje a Usina Mundial do Grupo Cosan controla cerca de aproximadamente 10.870 hectares, somente neste município da Região de Araçatuba.

À medida que novas tecnologias são empregadas na produção, associada ao expansionismo de terras via arrendamento, o Grupo Cosan vem aumentando sua capacidade de moagem de cana para produção de açúcar e álcool, conseqüentemente a venda de seus produtos no mercado interno e externo. Através da análise dos períodos de 2002 a 2007, se comprova a capacidade do Grupo Cosan em processar cana-de-açúcar nas suas unidades produtoras como se observa no gráfico 02. Para a safra 2009/10 a expectativa é de que a moagem de cana se aproxime de 60 milhões de toneladas.

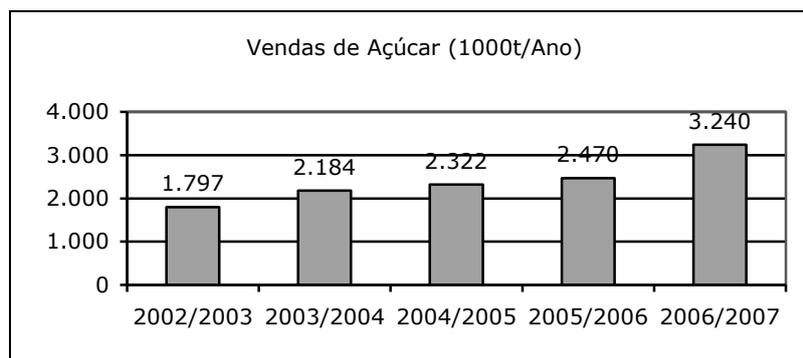
Gráfico 02: Moagem de Cana por Safra



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

Desta maneira, o Grupo Cosan viu sua produção de açúcar e álcool crescer vertiginosamente nos últimos anos. No mesmo período do gráfico anterior, a fabricação de açúcar saltou de 1,2 milhões para 3,24 milhões de toneladas, sendo que a maior parte do açúcar produzido pelo Grupo Cosan destina-se ao mercado externo. Na safra 2006/2007 o volume exportado chegou a 86,7% de sua produção de açúcar (Relatório Anual do Grupo Cosan 2007, 2007, p. 67). Cabe ressaltar que durante a safra 2008/09 o Brasil exportou 14,8 milhões de toneladas de açúcar, onde 71% do volume total era açúcar produzido pela Cosan. O gráfico 03 representa a comercialização de açúcar da Cosan tanto no mercado interno quanto no externo.

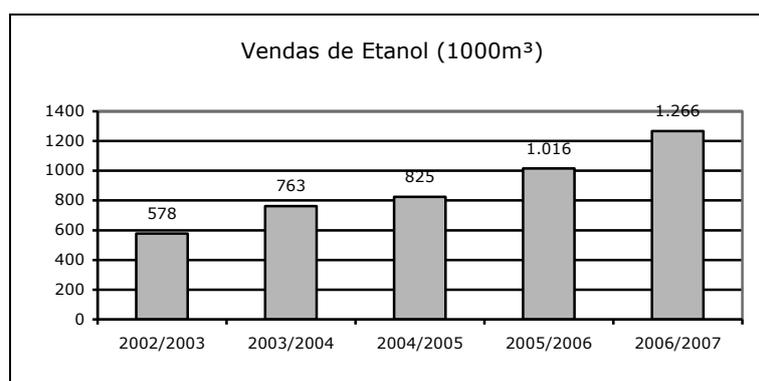
Gráfico 03: Vendas de Açúcar por Safra



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

Já a produção de etanol, durante o mesmo período, teve um salto gigantesco, tendo as vendas do Grupo Cosan passado de 354 mil/m³ para 1.226 mil/m³, conforme pode ser observado no gráfico 04.

Gráfico 04: Vendas de Etanol por Safra



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

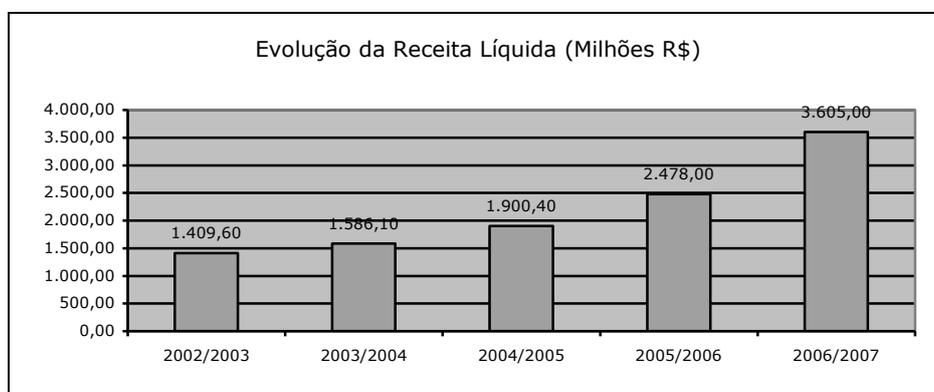
Este crescimento nas vendas do etanol deve-se principalmente à expansão e popularização dos motores a explosão intitulada de Biflex ou Flexpower no Brasil – grande consumidor de etanol –, ao preço exorbitante do petróleo, ao discurso ambiental internacional e a própria regulamentação de lei imposta em 2007 pela Agência Nacional do Petróleo para aumentar de 20% para 25% a quantidade de etanol na gasolina brasileira, fato esse que acabou ajudando os usineiros. Neste sentido Lopes ressalta:

[...] as constantes altas do petróleo, fez com que a indústria automobilística adote a construção de carros bi-combustíveis. A preocupação de outros países com a emissão de gases poluentes pelos veículos automotores em função do Protocolo de Kyoto, faz com que o álcool leve vantagem sobre a gasolina por ser um combustível menos poluidor (LOPES, 2006, p.57).

Entre abril de 2001 e abril de 2007, observa-se que o Grupo Cosan ampliou também seu faturamento através de aquisições de novas usinas como a Destivale, Mundial, Bonfim, Bom Retiro e parte da Santa Luzia e alianças estratégicas com o capital estrangeiro, como o Grupo chinês Kuok, um dos mais dinâmicos e diversificados conglomerados internacionais com grande atuação na Ásia. A partir do Terminal Exportador de Álcool de Santos que

pertence a Cosan e associados como a Crystalsev e Cargill, o Grupo consegue exportar açúcar e álcool com um menor custo operacional, maximizando seu lucro. O gráfico 05 aponta para o entendimento do faturamento da Cosan, entre os períodos de 2002 a 2007.

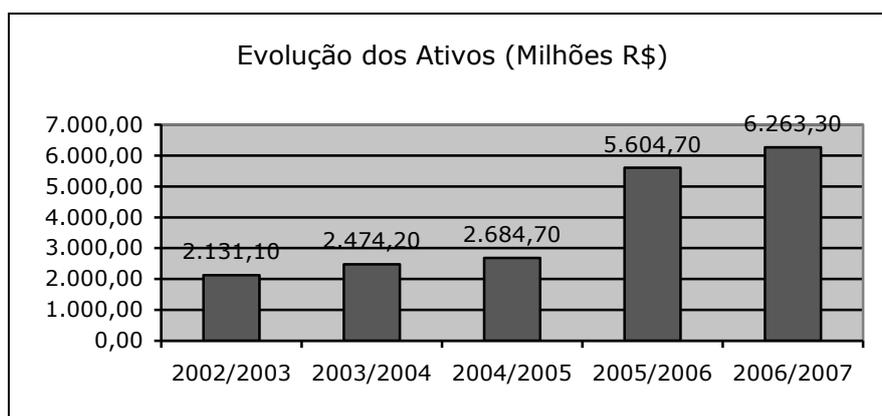
Gráfico 05: Receita Líquida por Safra



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

Na medida em que o setor canavieiro apresenta forte expansão e lucratividade no território brasileiro, o Grupo Cosan vem adotando nos últimos anos medidas para diluir seus custos fixos e operacionais, investindo pesadamente em tecnologias que maximizam e aperfeiçoam os sistemas e processos fabris, de trabalho, assim como em gestão corporativa, com investimentos durante a safra 2006/2007 em mais de 700 mil reais, em bolsas de estudos para cursos de graduação e pós-graduação aos seus profissionais administrativos (Relatório Anual do Grupo Cosan 2007). Com a minimização dos custos fixos operacionais, o gráfico abaixo demonstra a reprodução dos ativos da Cosan.

Gráfico 06: Ativos do Grupo Cosan 2002/07



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

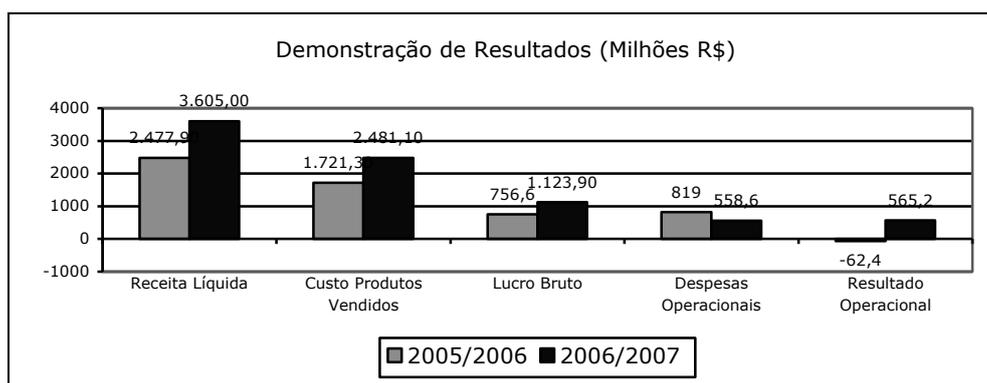
Desta forma, seguindo o princípio capitalista de minimizar os custos e maximizar os lucros, a gestão corporativa do Grupo Cosan, vem aperfeiçoando suas "táticas" administrativas de gerir suas unidades produtoras. Centralizada na Região de Piracicaba, a matriz do Grupo Cosan, Usina Costa Pinto, concede autonomia administrativa às demais unidades produtoras espalhadas no interior de São Paulo.

Como consequência, faz com que cada unidade adquira formas próprias de gestão, baseando-se em traços locais de atuação, fazendo com que haja grande diferenciação nos

ganhos mensais dos trabalhadores dentro da mesma região, pois nem todas as áreas produtoras em que a Cosan atua a classe de trabalhadores canavieiros vivem as mesmas condições sócio-econômicas.

De fato, a descentralização da gestão, cria “brechas” para a busca da maximização da rentabilidade dos ganhos nos arrendamentos, gerando principalmente, um forte rebatimento sobre a classe trabalhadora canavieira. Esta maximização da rentabilidade corporativa da Cosan pode ser observada no gráfico 07 que demonstra os resultados deste molde administrativo.

Gráfico 07: Demonstração de Resultado 2005/07



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller, 2007 (Org).

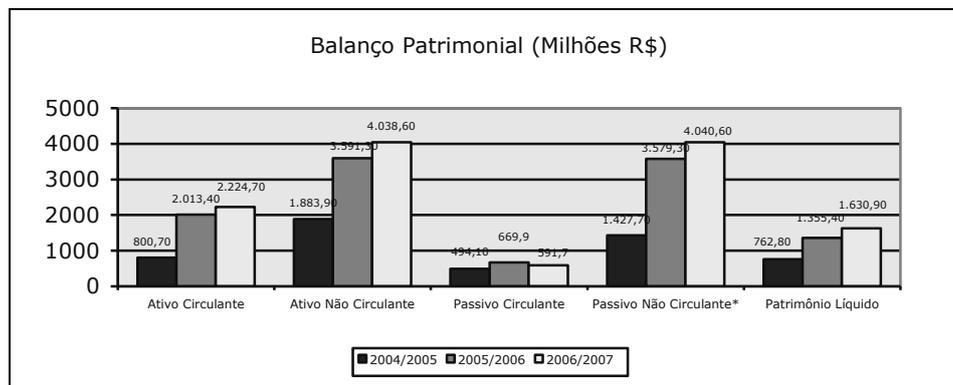
No sentido do trabalho, obtem-se por parte do Grupo Cosan uma lucratividade exorbitante sobre os cortadores de cana em especial, pois há disparidades salariais entre esta classe de trabalhadores do mundo canavieiro dentro da mesma região, com isso a Cosan acaba retendo em proporções superiores a mais-valia social. Nesta análise, Quintino Leal ressalta:

pois o trabalhador ligado ao corte de cana em Mirandópolis – Unidade Mundial – não recebe salário igual aos que trabalham, por exemplo, na Unidade Gasa, situada em Andradina, e muito menos igual aos cortadores de cana que atuam em Valparaíso, área de atuação da Univalen, dentro da mesma região, a Região de Araçatuba (QUINTINO LEAL, 2005, p. 14).

Para finalizarmos esta discussão, faz-se necessário pensar que as últimas safras foram recordes de produção, produtividade e exploração do trabalho. Neste sentido, o faturamento líquido da Cosan na safra 2206/07, por exemplo, foi de R\$ 3,6 bilhões, envolvendo a exploração direta de 39 mil trabalhadores, em sua maioria cortadores de cana em suas 18 unidades produtoras.

A área cultivada foi de 580 mil hectares de terras ocorrendo ampliação em Caarapó (MS) e Jataí (GO), grande parcela destas terras são áreas arrendadas, onde foram colhidos 36,1 milhões de toneladas de cana, e para a safra 2007/2008 que o Grupo Cosan moerá 40,7 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. Para a safra 2009/10 o grupo pretende moer aproximadamente 60 milhões de toneladas de cana. O gráfico que segue abaixo nos indica a evolução patrimonial da Cosan nos últimos quatro anos.

Gráfico 08: Patrimônio do Grupo Cosan 2004/07



Fonte: Cosan, 2007. Quintino Leal, H. Miller (Org).

(*) Os montantes do passivo não circulante estão incluindo a participação de acionistas minoritários.

As Últimas Aquisições do Grupo Cosan

Desde dezembro de 2008 o Grupo Cosan passou a controlar os ativos de distribuição dos combustíveis Esso no Brasil, garantindo assim, o controle da produção e distribuição no mercado brasileiro dos lubrificantes Mobil. Desta forma, sendo a detentora de uso das marcas Esso e Mobil, contraditoriamente acaba apoderando-se das tecnologias desenvolvidas nos laboratórios da ExxonMobil, um dos líderes em pesquisa no segmento de lubrificantes.

O acordo vigorado em 2008 entre a Cosan e a ExxonMobil, acabou envolvendo todos os negócios de distribuição de combustíveis e lubrificantes, incluindo uma rede de mais de 1.500 postos de revendedores e cerca de mais de 240 lojas de conveniência, conhecidas comercialmente por Stop&Shop e Hungry Tiger.

A Cosan Combustíveis e Lubrificantes opera no estado do Rio de Janeiro, com fábrica instalada na Ilha do Governador, com capacidade de produção de 700 mil barris de lubrificantes ao ano e 6 mil toneladas de graxa ao ano. A empresa também possui cerca de 30 instalações operacionais espalhadas em diversas regiões do país.

Quanto ao padrão logístico de distribuição de combustíveis e lubrificantes, a Cosan, segue as tendências capitalistas de aplicação de tecnologias eficientes para minimizar os custos. Thomaz Jr. (2002) explica que estas tecnologias como utilização de computadores, sensores, dispositivos mecânicos de lógica toyotista, proporcionam maximização de capital durante a distribuição dos produtos do Grupo Cosan.

Outra grande aquisição do Grupo Cosan ocorreu em 2009, quando foi incorporada ao grupo a marca União (líder de vendas no mercado interno de açúcar) que era controlada pelo Grupo Nova América. Neste negócio, o Grupo Cosan incorporou as unidades industriais, comerciais e portuárias da Nova América e passou a controlar também as marcas de açúcar Dolce, Neve e Duçula.

O controle da marca de açúcar União acaba por proporcionar ao Grupo Cosan o controle de aproximadamente 80% do mercado varejista de açúcar no mercado brasileiro, segundo a Unica (2010), revelando assim a consolidação da monopolização dos preços do açúcar no mercado interno, que desde 2009 estão inflacionados há uma taxa de 2,3% por safra, onerando ainda mais, o preço da cesta básica de alimentos da população brasileira.

Conclusão

No ímpeto do capitalismo e de sua lógica de reprodução ampliada, o Grupo Cosan em seu processo histórico de crescimento, apoiou-se em uma política corporativa de incorporação de novas unidades de produção, através de capital próprio do grupo associado ao capital estrangeiro a partir dos anos de 1990, anos estes que marcam seu processo de internacionalização através da venda de açúcar.

Nesta trama, é possível compreender os paradigmas da reprodução do capital, por meio da territorialização das unidades produtoras do Grupo Cosan no interior do estado de São Paulo, principalmente, e ampliação de sua área de influência no setor canavieiro no cenário nacional, construindo usinas no estado de Goiás e Mato Grosso do Sul.

Desta forma, vemos que o Grupo Cosan visa uma monopolização do setor canavieiro, uma vez que extrapola os limites do interior paulista sua maior área de atuação, e adentra em outros estados da federação brasileira, mostrando sua ávida aplicação de capitais na construção de novas unidades produtoras, tentando assim evitar a entrada de novos grupos canavieiros nos estados em que historicamente a economia não estava voltada para a produção de cana-de-açúcar.

A abertura de capital do Grupo Cosan nas bolsas de valores desde a década de 1990 proporcionou grande captação de capitais, que hoje são aplicados em fusões com grandes companhias líderes no mercado interno brasileiro, como ocorreu em 2008/09 com a Esso e a marca União, passando ao Grupo Cosan o controle de ativos, de indústrias, de distribuição de produtos e de instalações portuárias.

Assim, fica evidente que as aspirações econômicas do Grupo Cosan não estão ligadas apenas as atividades do setor canavieiro, pois seus capitais estão se estabelecendo em outros setores da economia brasileira, como por exemplo, na distribuição de combustíveis e lubrificantes mediante, a incorporação da Esso do Brasil, mostrando desse modo, seu alto poder de monopolização em outros setores da economia nacional.

Referências Bibliográficas

COUTINHO, Luciano; BELLUZZO, Luiz G. **O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado e a Reorganização da Economia Mundial no Pós-Guerra**. Estudos CEBRAP, n° 23, São Paulo, 1984.

LOPES, Dóri Edson. **O Processo Capitalista de Ocupação do Território em Castilho/SP: suas contradições, conflitos e os novos desafios em sua reestruturação**. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006. 78 p. (Monografia de Bacharelado: Geografia).

MAPA. **Agência de Informação Embrapa**. Brasília, 2008. Disponível no site: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br> Acesso em 06/12/2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Barbárie e Modernidade: o agronegócio e as transformações no campo**. Goiânia: CPT, 2003.

OLIVEIRA, Ana M. S. de. A Reestruturação Produtiva do Capital na Agroindústria Canavieira Paulista e os Desdobramentos para o Trabalho. In: THOMAZ JR., Antonio (Org.). **Geografia do Trabalho no Século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, v. 01, 2004. p. 70-104.

QUINTINO LEAL, Hansi Miller. **As estratégias de Resistência Camponesa diante do Avanço do Capital Monopolista do Setor Sucro-Alcooleiro em Mirandópolis/SP**. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004. 57 p. (Monografia de Bacharelado: Geografia).

_____, Hansi Miller; ALMEIDA, Rosemeire A. **A Agricultura e a Subordinação da Renda da Terra em Mirandópolis/SP**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS, v.2, n° 2, setembro de 2005. p. 01-23.

_____, Hansi Miller. **Do engenho à Agroindústria: o embate entre terra e capital e as ações do Estado no fortalecimento da burguesia canavieira**. Revista Mirante. v.1, n°1, Núcleo Geográfico de Aulas de Campo. Universidade Estadual de Goiás: Pires do Rio, setembro de 2006. p. 53-73.

RELATÓRIO ANUAL DO GRUPO COSAN 2007. Grupo Cosan: Piracicaba, 2007. Disponível no site: <http://www.cosan.com.br/investidores>. Acesso em 04/08/2007. 369 p.

THOMAZ JR., Antonio. **Por trás dos Canaviais, os Nós da Cana**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

UNICA. **Indicadores de Produção e Safra dos Associados**. São Paulo, 2010. Disponível em www.unica.com.br/indicadores acessado em 12 de fevereiro de 2010. 34p.